



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA

JOSÉ CARLOS PEREIRA

RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS NO ENSINO DE FILOSOFIA

CAMPINA GRANDE
2016

JOSÉ CARLOS PEREIRA

Relações intersubjetivas no Ensino de Filosofia

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Filosofia, na Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Dr. Julio Cesar Kesting.

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436r Pereira, José Carlos
Relações intersubjetivas no ensino de filosofia [manuscrito] /
Jose Carlos Pereira. - 2016.
17 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting, Departamento
de Filosofia".

1. Ensino de Filosofia 2. Intersubjetividade 3. Filosofia
Contemporanea I. Título.

21. ed. CDD 100

JOSÉ CARLOS PEREIRA


Relações intersubjetivas no Ensino de Filosofia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 20/05/2016.


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Agradecimento

A minha Mãe, Iraci Pereira Gomes: sempre presente, companheira e admiradora do meu esforço mediante as dificuldades concretas que só nós sabíamos. Ela sempre confiante e zelosa para comigo. Minha eterna gratidão.

Ao meu orientador, Julio Cesar Kesting. Sempre presente. Pessoa capaz, competente e acima de tudo dedicada. Minha profunda gratidão.

Aos professores e professoras. Em particular, meu reconhecimento a Rosimary Marinho e Waltimar: adonde, foram elas também, as responsáveis e colaboradoras deste projeto inicial (2011).

Aos meus sobrinhos: Saulo, Dayse (Guilherme, Eduardo e Izabella), Simone, David e Nathália. Aos quais, estimo e os amo.

As amigas: Tertulina e Cleide Melo, que sempre acreditaram na minha capacidade. Assim dando-me força, coragem e incentivo para ir sempre mais longe.

Aos colegas de sala de aula: Aline, Bruno, Edilma e Edilza, Ivonete, Marília, Raquel, Yamille e Sebastião. Companheiros e companheiras.

Tantos outros: que muito perguntaram e se interessavam pela temática e filósofo (Lévinas), demonstrando assim, interesse e curiosidade.

A Deus, como fonte de energia e de força; de crença e de busca incessante: Ao qual nenhum credo, em si, pode esgotá-Lo e suprimí-Lo de sua infinidade.

[...] “a linguagem instaura uma relação irreduzível, a relação sujeito-objecto: a revelação do Outro. É nessa revelação que a linguagem, como sistema de signos, somente pode constituir-se. O Outro interpelado não é representado, não é um dado, não é um particular, por um lado já aberto a generalização. A linguagem, longe de supor universalidade e generalidade, torna-as apenas possíveis. A linguagem supõe interlocutores, uma pluralidade. O seu comércio não é a representação de um pelo outro, nem uma participação na universalidade, no plano comum da linguagem. O seu comércio, di-lo-emos desde de já, é ético.”

(Emmanuel Lévinas)

RESUMO

O presente trabalho oferece um entendimento do Eu a partir da relação de encontro intersubjetivo com o Outro, isso na concepção filosófica de Emmanuel Levinas, a partir do ensino de filosofia. O filósofo contemporâneo apresenta uma compreensão do Eu no processo de construção e de encontro com o Outro e na descoberta do Outro como o Outro. Destaca-se, desta forma, a suma importância do Outro para a construção existencial do Eu existente. Temos, pois, um discurso sobre a alteridade, ou seja, de relações intersubjetivas alicerçadas no entendimento do Eu com o Outro a partir do encontro. Um termo particular, nesta compreensão do Eu, é o Rosto: termo preciso e decisivo, que traduz o Outro, mas o Outro em sua infinição e na expressão de alteridade sociável e de entendimento recíproco com o Eu que se percebe como tal. O Rosto do Outro é o que direciona, orienta e aponta novos caminhos educacionais. O Rosto fala ao Eu-educador, e com isso proporciona um encontro animador. Pois, sem o Outro-educando o Eu-educador perderia toda a potencialidade criativa do ensinar, e ao mesmo tempo de aprender.

Palavras-chave: Lévinas. Intersubjetividade. Ensino de filosofia.

Introdução

O presente trabalho busca compreender como se dá a dimensão do Eu a partir do Outro segundo a filosofia apresentada por Emmanuel Levinas, buscando fundamentar possíveis pontes com o ensino de filosofia. A compreensão do Eu é vista a partir do encontro com o Outro; o Outro é de suma importância na construção existencial do Eu existente.

Tomamos como base teórica no nosso trabalhos textos filosóficos do pensador judaico-francês Emmanuel Levinas. É de suma importância lembrarmos que o filósofo não só desenvolveu suas teses filosóficas a partir de leituras textuais, possibilitadas pela eficácia do seu intelecto, mas também pela experiência de quem sentiu e viveu a miséria humana e o desfalecimento do outro nos campos de concentração nazista (inclusive de seus familiares).

Pretendemos com nosso estudo oferecer um material, ou seja, um trabalho de acessível compreensão textual no assunto focado sobre a dimensão e complexidade da existência do Eu a partir do infinito que é o Outro em sua existência. Assim, objetivamos possibilitar não só um acesso ao assunto proposto, mas um viés para, de certa forma, se ter uma leitura refletida a partir do pensamento de um filósofo contemporâneo. Levinas provoca no leitor um entendimento e reflexão sobre si mesmo. Pretendemos mostrar, enfim, qual a importância que o Outro, em sua alteridade tem para a formação do Eu no processo de ensino aprendizagem filosófico.

A descoberta do Eu na relação com o Outro

É de capital importância compreender o significado das relações inter-subjetivas para o Eu ser quem ele é. Assim a formação do Eu é vista a partir da participação e da presença do Outro em seu ser infinito. Teremos assim a oportunidade de nos distanciarmos de uma tradição filosófica centrada no Eu. “A história do pensamento ocidental caracteriza-se como conquista do ser; é uma ‘história do descobrimento’, das divisões de mundos, em que a liberdade e a autonomia do Mesmo jamais são postas em questão” (KESTERING, 2008, p. 43). Quase sempre o Eu como o Mesmo vê o Outro como inimigo e objeto de conquista. É necessário um esforço para superar uma visão do Eu como um ser fechado em si mesmo, que reduz as relações às possibilidades de posse. Devemos ver o Eu a partir do Outro enquanto alteridade. Há uma possibilidade nova, um modo diferente de vermos o Outro em sua infinição e subjetividade, enquanto sua alteridade é também humano. Na concretude de possibilidades existentes. Pois, as relações do face a face poderão ser alicerçadas no entendimento do Eu com o Outro mediante o encontro.

O problema do Outro, a nossa atitude face a ele, constitui um dos temas principais das reflexões de Emmanuel Levinas. Tal assunto surgiu como reação do filósofo em relação às experiências da primeira metade do século XX e que conduziu à crise da civilização ocidental, particularmente a degradação das relações interpessoais entre o Eu e o Outro. O que se percebeu foi sempre o Eu sempre se sobrepondo ao Outro, sobrepondo às suas necessidades, vontade, desejos, poder e ao seu próprio modo de ver o mundo e as coisas. Podemos perceber que esta é uma questão de postura ética, exige-se uma discussão que se permita ao Outro ser outro e não ser puro objeto de especulação e de conquista do Eu. Há no Outro uma identidade própria e autônoma do Eu.

A construção do Eu pressupõe a existência com o Outro: na sua diversidade, diferença e infinição. Daí um termo particular neste estudo da compreensão do Eu: é o Rosto - termo preciso e decisivo. Traduz o Outro como ele é. O Outro aparece na expressão de alteridade; ele é um ser sociável, pronto para o entendimento recíproco. O Rosto manifesta o indivíduo como ser-pessoa. Deste modo, o Rosto do Outro ocupa um lugar de realidade concreta e existente de infinição e subjetividade.

Na formação do Eu o Rosto é convite responsabilidade, é disposição e é resposta que o Eu assume (KESTERING, 2008, p.21). O Rosto também é o entendimento de relação de encontro do EU-TU que vai se construindo e se definindo, delineando-se com o tempo, e prolongando-se até a realidade concreta e existente do Eu. Portanto, sem o Rosto do Outro,

que fala, proclama e diz de si, é inconcebível o Eu-ético. O Eu-ético se descobre e se faz, portanto, no momento do encontro, do face-a-face, onde percebe que o Outro em sua subjetividade, alteridade e infinição precisa de espaço e lugar de direito e verdade para se sentir como pessoa.

Kestering expressa a valoração do Outro na formação do Eu, da seguinte maneira: “O modo como se realiza essa relação, ou seja, a relação com o rosto do ‘Outro’ – com a idéia do Infinito e com o Bem além do ser – é a linguagem” (KESTERING, 2008, p. 57). Segundo essa concepção filosófica, tem relação do Eu com o Outro não se detém e nem se fecha em si mesmo, no Eu. O Eu se transcende e vai ao encontro – se encontra com o Outro, o qual é um ser infinito, rico em possibilidades de relacionamentos, de sentimentos e de significados.

O encontro é promoção de lugares distintos do Eu-Outro, mas é também possibilidade nova de comunicação de mundos diferentes e de real condição de existência: é linguagem concreta pela relação experimental e espontânea. É a construção feita a partir do deixar-se sair de si mesmo. O Eu sai de si para a oportunidade que o encontro promove e revela com o Outro. A linguagem é pura abertura para o novo e um desafio ao Eu.

O entendimento do Eu é visto como um processo de construção que se dá a partir do Outro. O Eu se desenvolve como pessoa na relação com o Outro. O Eu é relacional, social. De acordo com esta perspectiva, o Eu é um sujeito aberto sempre às novas possibilidades infinitas advindas do encontro com o Outro. Esse é um entendimento para o Eu de constante desafio, mas também de construção e de aprendizado. Ele não permanece fechado em si mesmo. “Numa filosofia na qual o Eu não é indiferente ao TU ou ao Outro, na qual o outro homem interessa-lhe de forma responsável, rompe-se com o pensamento totalitário, centrado na identidade do Eu” (KESTERING, 2008, p.17).

Os desafios advindos do encontro com o Outro não significam negação para a construção da identidade de formação humana e social do Eu. Os desafios podem levar a novos caminhos de encontro, de promoção e de horizontes, ou seja, para uma mentalidade nova que nasce da promoção do encontro com o Outro. Pois, a construção do Eu é um movimento que se dá a todo tempo no encontro e em direção ao Outro. O Outro existe. O Outro é real - inegável. O Outro é de uma existência infinita e concreta que dá espaço e lugar para possíveis possibilidades, para a existência também real e concreta do Eu. O Outro é este indivíduo complexo, próprio e singular. É infinito diante do Eu: o Outro é este ser que só pode ser entendido enquanto Outro em sua alteridade, infinição e subjetividade. Portanto, ele é pressuposto de crescimento e de estruturação para o Eu. Ele é possibilidade de novas formas de relações, projetos e caminhos.

O Outro para o Eu existente é fundamental como elemento para sua formação e seu desenvolvimento humano, ético, social e profissional. Na constituição do Eu o Outro está presente de maneira relacional e é fundamental como nem um outro precedente pensado.

A partir de agora, depois de se ter discutido e visto quanto é delicada e ao mesmo tempo complexa, de forma conceitual, a questão e a dimensão filosófica do Eu e do Outro e feito os recortes necessários dos termos e das posições categóricas que compõem a relação Eu-Tu, parte-se, então, deste entendimento relacional do Eu e do Outro para a fundamentação do filosofar. Assim o entendimento do Eu e do Outro é apresentado numa conexão ensino-aprendizagem do Eu-educador com o Outro-educando.

Isso implica posturas claras e distintas: de provocador ou de provocado, de estimulador ou de estimulado. A reciprocidade de respeito ao ouvir a fala do Outro é proporcionada pela relação, agora, do Eu-educador e do Outro-educando, que é dada numa simultaneidade de provocador-provocado e provocado-provocador, de estimulador-estimulado e de estimulado-estimulador. É uma ação-relacional face a face de entendimento recíproco, complexo e também de possibilidade de entendimento harmônico com vista a um projeto de equilíbrio político-sócio-cultural e educacional para o ensino de filosofia e a escola como núcleo maior e mais complexo do projeto pedagógico.

Entendemos esta mesma ação e relação como um movimento humano do Eu-Tu envolvidos numa trama funcional e intencional onde cada um se relaciona a partir do lugar singular ao qual pertence e está inserido, no sentido de construção do entendimento discursivo e reflexivo do ensino de filosofia e do filosofar, na escola, no mundo e na-sociedade.

Toda a existência presente no discurso e na fala é múltipla e diversifica. Traduzem-se na subjetividade que cada um expressa, assim assumida e vivida mediante o encontro face a face, que é oferecido pelo alcance do diálogo e pela dimensão e extensão que representa a linguagem – a linguagem da fala e do discurso intersubjetivo do Eu-Tu.

Este é o projeto filosófico crítico do pensador Emmanuel Lévinas. Nele o Eu é Eu sem ser totalizante e o outro é o Outro sem ser Neutro, em sua alteridade e infinidade. Ambos se complementam e se re-conhecem como seres potenciais; seres de possibilidades relacionais, que podem conhecer a diferença existente de cada um e com isso não ser negação de possibilidades e, sim, juntos construir projetos de vida: mudanças e transformações positivas e reais.

Segundo nosso modo de ver esse projeto se estende ao ensino de filosofia, no qual o Eu-educador e o Outro-educando constroem um entendimento co-operativo sobre o ensino de filosofia e de mundo ao qual pertencem. Desta maneira o desenvolvimento do pensar e da

reflexão filosófica depende deste discernimento e saberes específicos de lugar tanto do Eu-educador como do Outro-educando numa ação conjunta político-sócio-educativa do aprender e saber filosofar.

Relação intersubjetiva: Um diálogo aberto no ensino de filosofia

O Outro entra para a dimensão de mundo do Eu, se revela e se manifesta ao Eu. Ele fala tanto diretamente como indiretamente de sua existência concreta e infinita. Agora, não há mais um só Eu e um só Outro isolados, nem um Eu totalitário centrado em si mesmo no qual tudo se encerra. Neste sentido, exige-se uma reflexão e uma nova postura de comportamento e de uma nova realidade – abre-se um novo tempo para uma nova mentalidade nas relações intersubjetivas. Este diálogo acontece no encontro face a face do Outro com o Eu. O diálogo com o Outro é um ser de infinitas possibilidades, de sentimentos, de inspirações e aspirações, de desejos e vontades próprias, de condições reais para o Eu.

O Outro é real, próprio, independente e separado do Eu. Porém, é de uma existência social no tempo e no espaço em conexão com o Eu. O Outro é concreto, diferente, mas na relação com o Eu se torna possibilidade para o desenvolvimento de funções sócio-cooperativas. O Outro e o Eu podem se tornar êxito de atividades conjuntas, mesmo considerando o desafio sempre presente do embate de suas ideias e de pensamentos, as vezes contrários, porém, podendo visar sempre um mesmo objetivo e fim: o bem comum que é necessário para todos. Surgem assim práticas vitais de relações extraídas e advindas do diálogo e da cooperação entre o Eu e o Outro num ambiente escolar sócio-educativo.

O diálogo é instrumento mediador entre o Eu-educador que vivencia e experimenta o ser infinito do Outro-educando num ambiente e espaço de construção e de co-operação. Ambos tornam-se provocadores e provocados, estimuladores e estimulados dentro da construção e do desenvolvimento do pensamento filosófico do ensino de filosofia. A filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva (CERLLETI, 2009, p.87).

Portanto, como atores de um mesmo palco o Eu-educador e o Outro-educando, mesmo com identidades e perfis diferenciados e bem definidos na escola, tanto um como o outro se desenvolvem mediante a conteúdos diversos na educação; mediante a formação e a informações tanto de caráter cultural, como social e educativa por meio de temáticas, assim fazendo o uso necessário e propício da reflexão filosófica. Devemos salientar que esse

processo educacional se desenvolve com papéis próprios, distintos e bem definidos: o Eu-educador, lado a lado do Outro-educando. Assim se consolidam as questões filosóficas tanto da esfera educacional em sua plenitude como do ensino de filosofia e da vida social na sua complexidade.

O Outro-educando exige uma resposta do Eu-educador no sentido que reivindica sua presença e existência real como Outro-educando: que é concreto, infinito e existente diante do Eu-educador. Nesta resposta, o Outro-educando não pode mais ser ignorado pelo Eu-educador sem que possa ser, o Outro-educando, anulado de suas próprias ideias e pensamentos – quer ser ouvido e pede ajuda para sua própria existência mediante o Eu-educador. Pois, a linguagem é uma relação de serviço e de hospitalidade; “escutar o outro ser humano significa ‘pôr-se na (à) (dis-) posição de resposta, abrir-se ao outro,’ ser responsável por ele” (KESTERING, 2008, p.14). Nesta compreensão há um convite e exige uma resposta de ação concreta para uma responsabilidade de comprometimento por parte do Eu-educador, que detêm a fala-discurso, para com o Outro-educando, que também pensa, age e vive, um determinado propósito-missão e papel de vida social constitutivo tanto na escola (sala de aula) como na sociedade em que vive.

Porém, são dois mundos reais e distintamente diferentes um do outro. Mas não em oposição, e nem indiferentes e de não-diálogo. A relação é dialógica, é de construção. O Outro é e exige do Eu resposta. Assim, na educação, o Eu-educador estabelece e pode muito bem desenvolver um espaço de empatia crítico-reflexiva como provocador-provocado: um ambiente do pensar e do desenvolvimento do pensamento discursivo. O Outro-educando também faz parte como atuante do processo de ensino-aprendizagem da filosofia na sala de aula, na construção deste mesmo processo.

O pensar de outros é a irrupção aleatória do diferente e constitui o desafio filosófico do professor-filósofo [do educador]. [...]. Nunca um aluno é tábula rasa. Sempre há algo (certos saberes, certas práticas) que se reacomodam a partir da irrupção do novo. Essa reacomodação ressignifica; [...] é uma composição subjetiva. Quando isso se dá, podemos dizer, [...], que alguém pensou (CERLLETI, 2009, p. 86 – 87).

A linguagem é isto: serviço e condição. Serviço este de ir ao encontro do Outro-educando, e nele poder encontrar e desenvolver o potencial das possibilidades possíveis e vindouras que há no Outro-educando - de quem está a procura – o Outro-educando como receptor-participativo do processo político educacional e pedagógico do ambiente escolar (na sala de aula), onde o Eu-educador se torna - é o promovedor-responsável e possibilitador

deste serviço e desta condição para o desenvolvimento humano e reflexivo, social e cidadão do Outro-educando neste processo educacional do ensino de filosofia.

A linguagem também é percepção e condição que se dá no campo do sensível, do encontro e do diálogo do Eu-educador para com o Outro-educando, que procura desvelar por meio do modo do ensino e da aprendizagem o mundo das coisas e das possibilidades novas do pensar crítico-reflexivo, isso através do pensamento crítico-reflexivo assim criando novas posturas, novos pensamentos e mentalidades de vida e de mundo, mediante ao que é experimentado e visto.

Mas é por isso que a linguagem instaura uma relação irredutível à relação sujeito-objeto: a revelação do Outro. É nessa revelação que a linguagem, como sistema de signos, somente pode constituir-se. O outro interpelado não é um representado, não é um dado, não é um particular, por um lado já aberto à generalização. A linguagem supõe interlocutores, uma pluralidade. O seu comércio não é a representação de um pelo outro, nem uma participação na universalidade, no plano comum da linguagem. O seu comércio, di-lo-emos desde já, é ético (LEVINAS, 1980, p. 60).

A linguagem é sempre condição e possibilidade nova e re-criadora, que aponta para a atitude. A linguagem é instrumento eficaz onde o Eu-educador e o Outro-educando se beneficiam mutuamente em suas relações **intersubjetivas**: sócio-culturais e educacionais no âmbito escolar, por excelência no ensino de filosofia **presente** na sala de aula. A linguagem bem entendida e manuseada é extensão de sinal de mudança e de transformação, sobretudo no processo de ensino e aprendizagem do ensino de filosofia.

O princípio ético de Lévinas possui a dimensão de compreensão a partir do Rosto, pelo qual o Outro-educando mostra seu Rosto: desvela-se. Assim ele é expressão, revelação do Outro como o Outro-educando dentro do entendimento e aspecto de todo o processo de construção de ensino e aprendizagem. O rosto é a manifestação de tudo aquilo de como o Outro-educando pode se apresentar. O Rosto se mostra ao Eu-educador em sua plena construção e desenvolvimento humano e de infinição.

[...] pode remontar-se a partir da experiência da totalidade a uma situação em que a totalidade se quebra, ao mesmo tempo que esta situação condiciona a própria totalidade. Uma tal situação é o brilho da exterioridade ou da transcendência no rosto de outrem. O conceito dessa transcendência, rigorosamente desenvolvido, exprime-se pelo termo de infinito. Tal revelação do infinito não leva à aceitação de nenhum conteúdo dogmático; e erradamente se defenderia a racionalidade filosófica deste em nome da verdade transcendental da ideia de infinito (LEVINAS, 1980, p. 12).

O Rosto transcende, na imanência infinita do Outro-educando, de forma que se abre para ser visto e percebido exteriormente ao Eu-educador, ao mundo e à vida. Nesta transcendência, a existência e subjetividade interior do Outro-educando, de certo modo, são

manifestadas ou mesmo reveladas pelo Rosto enquanto infinição existencial de tudo aquilo e de todas as coisas que podem existir (ser) do Outro-educando para além do Eu-educador.

O Rosto significa também discurso que é emitido a todo tempo ao Eu-educador. Ele é a manifestação infinita e subjetiva da expressão real do Outro-educando e das suas possibilidades existenciais. Na relação existencial entre o Outro-educando, seu Rosto, possibilitará e construirá a definição da própria existência do caráter e perfil de como o Eu-educador procederá, de como se manter como tal. Não como se afirma no pensamento do Eu totalitário, da concepção filosófica tradicional ocidental, que encerra tudo no eu-em-si-mesmo. Certamente, Rosto e discurso estão ligados. “O rosto fala. Fala, porque é ele que torna possível e começa todo discurso” (LÉVINAS, 2010, p. 71).

O discurso é um desafio de relações subjetivas e intersubjetivas. Considera-se a realidade do Eu-Outro por meio da necessidade do novo que emerge das formas de relações de inclusão e de multiplicidade e variedade das coisas, dos pensamentos e das formas de vida. O Eu-educador e o Outro-educando convivem num mesmo espaço, aprendem o grande desafio de poder considerar e a conviver com as diferenças e com as diversidades na forma do pensar filosófico: crítico e reflexivo.

Neste sentido, se pode entender como virtude a existência concreta do Outro-educando no ensino de filosofia a sua relação prática de ser ativo/participante, na relação Eu-Tu em sala de aula. Deste modo expressando, o Outro-educando, vontade, querer, pensamento, reflexão e ação em relação e na relação com o todo vivido na sala de aula de filosofia. O ensino/aprendizagem é o lugar propício para este encontro, pelo qual e no qual se realizam e se concretizam o conhecimento e o ato do filosofar através do diálogo, do respeito, do espaço e do lugar dados pelo Eu-educador para o Outro-educando poder participar e se sentir vivo-existente.

O exercício do ensino de filosofia deve ser também um entendimento conjunto e de co-operação onde em determinado instante o Eu-educador abre espaço ao o Outro-educando, dando-lhe oportunidade de fala. Desta maneira o Eu-educador leva e possibilita ao Outro-educando incentivo e interesse tanto pelas aulas e conteúdos do ensino de filosofia como a todo o processo de construção do desenvolvimento humano, cidadão e ético do aprendiz do ensino de filosofia como reflexão filosófica. Pois, tanto o Eu-educador como o Outro-educando estão inseridos neste processo educacional e escolar para o desenvolvimento do pensamento crítico e filosófico engajados no contexto de mundo prático e teórico.

Penso antes que o acesso ao rosto é num primeiro momento ético (LÉVINAS, 2010, p. 69). Desse modo, existem sim posicionamentos distintos no ensino de filosofia. O lugar

próprio do Eu-educador é o diálogo. Mas também existe o lugar e o espaço, no conjunto educacional, do Outro-educando como alguém que ocupa e também faz parte do horizonte do ensino e aprendizagem no ensino de filosofia.

Porém, nunca negar ou calar a voz do/ao Outro-educando enquanto parte integrante e interessada do todo no processo de ensino-aprendizagem de filosofia na sala de aula. Portanto, determinadas posturas e determinados comportamentos de todos os profissionais da educação (da escola) são essenciais para o melhor desenvolvimento e desempenho do ensino aprendizagem no ensino de filosofia. Porém, sempre devem ser re-vistos, re-avaliados, refletidos e re-assumidos tais posturas e comportamentos. Só assim, desta forma estaremos contribuindo, e ao mesmo tempo construindo, um sólido e eficaz desenvolvimento educacional, como também contribuindo para um melhor aproveitamento do pensar filosófico no ensino de filosofia. Portanto, assim visando o Outro-educando em seu pleno desenvolvimento de ensino e aprendizagem educacional, como também de cidadão.

Apesar de toda particularidade, como mesmo da importância que é investida de conhecimento o Eu-educador, assim carregar toda a investidura e por isso assumir e desenvolver em sala de aula a tarefa do ensinar, pois, mesmo assim, não há disposição neste ambiente escolar (sala de aula) para a indiferença e a neutralidade, tendo em vista a presença do Outro-educando. Há disposição sim para a acolhida e ao conhecimento dialogal, reflexivo, participativo e prático, o que se dará a partir da realidade de mundos existentes-distintos e co-existentes que são reais e estão tão presentes na sala de aula a partir do Eu-educador e do Outro-educando..

Deste modo, pois, se pauta a grandeza e o enriquecimento de todo o pensar e do pensamento filosófico. Como já afirmamos com insistência, o limite de toda estratégia didática é o surgimento do pensamento do outro, por isso ensinar/aprender filosofia (a filosofar) é uma tarefa compartilhada (CERLLETI, 2009, p.86).

O Outro como Outro-educando se apresenta e se expressa em sua alteridade como tal: é independente, real, concreto, subjetivo, individual-particular e próprio frente ao Eu-educador. Mesmo este Outro-educando pertencendo a uma esfera que o leve a um determinado aprendizado e conhecimento proposto. Contudo o Outro-educando traz em si toda uma/sua infinidade. Ele é um indivíduo de infinitas possibilidades na sua existência presente. Pois, ele é concreto-real. Estar na relação de ensino aprendizagem do ensino de filosofia com o Eu-educador. Significa o Outro-educando movimento, direção e construção da sua própria caminhada e dos seus trajetos possíveis de seu próprio pensamento e ideais de vida dentro do ensino de filosofia onde a reflexão do ensino da disciplina de filosofia pode lhe

conduzir a uma crítica melhor do mundo, da vida e das coisas em volta de si. Assim, podendo contribuir ainda o ensino desta disciplina para sua formação e desenvolvimento como indivíduo e cidadão, além de proporcionar-lhe ao um ambiente do sentir e do perceber o pensamento filosófico em seu desenvolvimento humano e crítico, dinâmico, criativo e plural que são próprios da reflexão filosófica.

O ambiente dialógico é dinâmico e humano. Ele acontece no calor efervescente das relações humanas do Outro-educando com o Eu-educador, e este como facilitador e interlocutor. Assim, se busca superar o conflito do diferente-do-Outro, e também da indiferença. Pois, aqui se considera o plural e o diverso, não mais como negação ou algo como de negativo. Acontece, pois, desta forma um ambiente possível, e de desafios, mas de construção educacional na busca do diálogo e do frente-a-frente (no Rosto do Outro-educando); busca-se o melhor desenvolvimento humano e uma verdadeira construção do indivíduo social e cidadão do Outro-educando em seu pensamento crítico, reflexivo e discursivo em torno das coisas que vive, sente e percebe mediante a fala-discurso feito do Eu-educador.

Este ambiente de abertura, que é próprio e necessário, para a dinâmica do ensinar-educar do processo de construção do ensino de filosofia, pois, redimensiona, edifica e vivifica a sala de aula onde está inserido o Outro-educando e o Eu-educador. Estas pré-disposições tanto abrem e provocam o Eu-educador como o Outro-educando para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo conjunto da realidade de mundo, do Outro e do Eu, da subjetividade, da pluralidade e da diversidade das coisas. Pois, tudo isso são instrumentos favoráveis e necessários que vão fomentar e fundamentar a prática e o desenvolvimento do pensamento filosófico no ensino de filosofia. Essas pré-disposições vão servir como material humano essencial para o ensino de filosofia, auxiliados por textos e conteúdos filosóficos.

A dignidade da pessoa humana só poderá ser preservada em contextos de convivência verdadeiramente dialógicos[...] a orientação do Eu para o Tu, para o Outro, não é vista como algo acidental, mas como algo essencial, inevitável, já que sem ela seria impossível compreender a existência humana (KESTERING, 2008, p.16-17).

A linguagem como canal indispensável e favorável ao diálogo: esse é outro aspecto e ferramenta descritiva fundamental pela qual se permite e se dá as condições para intercambiar e manter as relações humanas e interpessoais. Isso favorece o entendimento, o cumprimento e o coroamento intersubjetivo do Eu-Outro compreendidos e estendidos mediante o diálogo e no encontro do Eu com o Outro.

É na tríplice compreensão: linguagem-diálogo-encontro que acontece o enfrentamento do Eu com o Outro. Esse acontecimento tríplice é possibilitador a partir de todo um processo de encontro dialético, que é, portanto, um desafio, mas também é ação humana positiva e concreta de conquista no passo a passo, no dia-a-dia que acontece e desenvolve-se a construção das relações intersubjetivas do Eu com o Outro. Deste modo se completa a relação de fusão dos valores múltiplos da diversidade do Eu-Outro.

Esta complementação entre linguagem, diálogo e encontro se dá pela apropriação do encontro do Eu com o Outro-alteridade. Ela é proporcionada pela linguagem que vai permitir novos horizontes e abertura de convívio-ético: de respeito, de compromisso e responsabilidade, de liberdade-limite e de convite ao Outro. Desta maneira, quebramos fronteiras antes, talvez, inimagináveis e impraticáveis que não tinham visibilidade no pensamento da tradição filosófica ocidental. Ainda hoje existem modos e instituições educacionais que resistem ao novo-aberto e se fecham ao diálogo, pois nestas condições não se considera o Outro em sua alteridade e infinição, e com isso perde-se a participação, a interação e o potencial criativo e de inserção do Outro-educando como parte direcionada e interessada de todo o processo de ensino e aprendizagem na educação.

De modo geral, nosso objetivo maior foi de mostrar, no intuito de provocar, que todo o ensino de filosofia e todo discurso que acontece no diálogo e na linguagem - relação entre Eu-educador e o Outro-aluno oferece possibilidades infinitas de relações, de convívio onde diversas maneiras de sentimentos humanos e sociais se dão e estão presentes no ambiente escolar. O encontro intersubjetivo entre Eu-educador e o Outro-educando, deste modo, pode levar a uma compreensão global-melhor e mais cativante do ensino de filosofia. Surge assim a possibilidade de um pensamento novo, de nova mentalidade que seja crítico e reflexivo onde se percebe o Outro que está também presente (inserido) na sala de aula: no ambiente que se dá o ato educacional de relação do Eu-educador com o Outro-educando.

Considerações finais

Nosso estudo tinha como intuito de entender e de desenvolver reflexões sobre o desafio da existência do Eu a partir do Outro-das relações intersubjetivas. Tivemos como texto base a obra “Totalidade e Infinito” do filósofo Emmanuel Lévinas. O estudo desenvolveu-se na compreensão de categorias como: Eu – Outro - Eu/Tu – Rosto – alteridade - Encontro – diálogo – linguagem - face-a-face e responsabilidade.

Verificamos que o Outro é parte fundamental e participativa na construção de identidade do Eu. E foi, neste sentido, que iniciemos tal questão e reflexão filosófica, tanto de ordem de entendimento teórico como de ordem de extensão de construção da intersubjetividade no processo de construção no ensino e aprendizagem na relação do Eu-educador com o Outro-educando no ensino de filosofia.

Tentamos assim, de certo modo, responder a questão do Eu-Tu de como o ensino da filosofia pressupõe uma verdadeira relação dialógica. Porém, sabemos e somos conscientes que todos os aspectos que foram apontados e desenvolvidos, não foram e nem tampouco são suficientemente de dar conta e de resolver a questão do Eu-Tu. Nossas reflexões ficaram expostas no sentido de iniciar, de provocar e de despertar uma discussão temática e empática no assunto apresentado.

Nosso estudo apresenta-se, também, como uma ocasião importante e fecunda ao leitor de se posicionar com um olhar crítico. Uma nova postura se faz necessária para assim poder concretizar o acontecimento, entendimento do fenômeno humano-dialético no que se dá a trajetória do processo de construção de identidade do Eu existente (do Eu-educador) na relação de intersubjetividade com o Outro (Outro-educando) no ensino de filosofia.

ABSTRACT

The present work gives an understanding of yourself from the relationship of subjective encounter with the other human being, or each other, this in the philosophical thought of the Emmanuel Levinas, development of teaching philosophy. Levinas presents the understanding of yourself in the building process and of encountering other and discovering of the himself. That way, stands out the relevant importance of the other to building the yourself existential presents. This is an alterity speech, in the another words, coming face to face with the others is a non-symmetrical relationship. A specific term in this understanding of yourself, is the face: Accurate point the explain the other, but just definition and expression of alterity of the reciprocal understanding sociable with the self perceives as such. The other face which conduct, guiding, and points toward new educational pathways. The face says to educator-self and provide the encouraging meeting. Therefore without the other-pupil, the self-educator would lose all creative potentiality of teach, at the same time of learning.

Keywords: Levinas. Intersubjectivity. Teaching Philosophy.

Referências

CERLLETI, Alejandro, O ensino de filosofia como problema filosófico (tradução Ingrid Muller Xavier). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KESTERING, Julio Cesar. Sobre o diálogo: introdução a uma leitura filosófica de Emmanuel Lévinas e Hans Urs Von Balthasar/Julio Cesar Kesting.- Campina Grande: ADUEP. 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. Ética e infinito. -(Biblioteca de Filosofia Contemporânea; 7. Ed 70. Agosto 2010.

_____. Totalidade e infinito. – 3ª Ed. – (Biblioteca de Filosofia contemporânea; 5).